EDITORIAL

A constatação de uma abordagem frequentemente intuitiva, sem o suporte de um arcabouço teórico-conceitual das questões estéticas que envolvem a elaboração de um projeto paisagístico, levou-nos a algumas reflexões, ainda bastante preliminares, que pretendemos compartilhar nesta oportunidade.

Partimos sempre da necessidade do conhecimento e da análise dos aspectos sociais, políticos, econômicos, ambientais e culturais que definem o homem e seu momento histórico ao projetarmos os espaços livres urbanos em suas diferentes escalas, programas e configurações. Mas observamos, com frequência, que a síntese produzida por esta correta e competente avaliação de condicionantes não implica, necessariamente, a elaboração de um produto espacial bem-sucedido (e não meramente bem-feito), cuja expressão formal abarque a contemporaneidade e sensibilize efetivamente o usuário.

Um espaço livre plasticamente bem concebido – entendendo plástica como a capacidade de dar forma a um objeto (no caso ao espaço livre de edificação), de estruturar, remetendo à qualidade expressiva das relações envolvidas – deveria incitar à sua apropriação e fruição, além de configurar a paisagem urbana através do jogo entre os volumes construídos e os espaços livres enfatizados pelas diferentes relações escalares, variações das intensidades de sombra e luz, entre outras surpresas que podem ser obtidas nos infinitos arranjos espaciais.

Como proceder a uma análise não predominantemente subjetiva da forma? Como contribuir para o desenvolvimento da expressão formal de uma proposta espacial? Enfim, é possível um conhecimento específico que trate das questões inerentes à construção da forma? Estas perguntas levam-nos à identificação da necessidade do desenvolvimento de uma percepção plástica da forma na formação dos agentes produtores do espaço, ressaltando as especificidades para o caso da formação dos arquitetos na área da arquitetura da paisagem.

Vemos o conceito de arte – e, consequentemente, o de beleza – serem intensamente revistos no âmbito das artes plásticas, sobretudo após as manifestações das vanguardas do início do século XX e a aceitação da *Fonte*, obra icônica de Marcel Duchamp, de 1917, como expressão artística capaz de subverter o que vinha aceito como arte até então. Como um mictório pode subverter as referências artísticas em vigência?

Seguem-se as obras de Pablo Picasso e dos demais cubistas, culminando em *Guernica*, de 1937, cujos horrores do bombardeio sobre a pequena cidade basca é tema de uma obra emblemática que não poderia ser chamada de bela pelos padrões então usuais. Também a obra do irlandês Francis Bacon, com suas figuras disformes expondo o lado mais sombrio da condição humana, onde a angústia e a solidão

prevalecem, não possui atributos estéticos relativos à beleza no sentido tradicional do termo.

Já em um campo mais próximo do nosso, temos a proposta de uma edificação como o Museu Judaico de Berlim, de Daniel Libeskind, inaugurado em 2001, que não apresenta, seguramente, predicados como harmônico, confortável ou prazeroso. A própria história do paisagismo apresenta-nos os Jardins de Bomarzo, passível de visitação até os dias atuais, executado pelo duque Pier Francesco Orsini, no século XVI, já em pleno renascimento italiano. O Sacro Bosque de Bomarzo é o bosque das alegorias, dos monstros, onde o objetivo é expor e revelar o excêntrico, o absurdo, o desconcertante, possivelmente um fiel espelho de seu dono, atormentado por sua deformidade física em uma época de intensa admiração pelos cânones da beleza greco-romana. "O meu [parque] que seria o reflexo da minha vida, seria também diferente de todos, inesperado, inquietante."[1]

Segundo Ferreira Gullar: "Ao longo dos milênios, a arte mudou muito. Claro que, como a vida, a arte também não basta: tem que mudar para nos suscitar novas sensações, novas descobertas, novas alegrias. Por isso ela muda."[2] Muda a ponto de termos dificuldade, ainda hoje, em lidar com as propostas de dissolução efetiva da figura – como proposta, por exemplo, pelo suprematismo, pelo expressionismo abstrato e pelos movimentos subsequentes – até a impossibilidade de muitos em aceitar obras conceituais, onde a ideia se sobrepõe, de forma inconteste, sobre as formas e cores, conforme já mencionado por Joseph Kosulth, um dos expoentes da arte conceitual norte-americana. Vale ainda mencionar a celeuma causada pelos três urubus engaiolados na 29ª Bienal de São Paulo pelo artista plástico paulista Nuno Ramos. A alegação para a retirada da obra pela direção do evento ateve-se às pressões motivadas pela suspeita de crime ambiental, sem qualquer menção ao eventual questionamento das qualidades artísticas da obra nos bastidores do evento.

A dificuldade de entendimento das manifestações artísticas contemporâneas tem estreito vínculo com a produção arquitetônica e paisagística, mas não deve impedir a reflexão e, principalmente, a discussão sobre a expressão artística. O estudo das contribuições da gestalt à fenomenologia, até as correntes mais atuais da filosofia, da história e sociologia da arte e da estética, pode auxiliar-nos para a compreensão das inúmeras e simultâneas intervenções artísticas com que nos deparamos na pós-modernidade.

Se pensarmos nas três vias da reflexão estética, conforme propostas por Alfredo Bosi, poderemos compreender a arte como construção, conhecimento e expressão, iniciando uma discussão mais abrangente e, talvez, obtendo avanços significativos em relação aos parâmetros até então em pauta. O fazer artístico transforma a matéria fornecida pela natureza sob o viés cultural, criando:

---

1 LAINEZ, Manuel Mujica. **Bomarzo**. São Paulo: Martins Fontes, 1995, p. 512.

2 FERREIRA GULLAR. Beleza ainda põe mesa. **Folha de São Paulo**, São Paulo, p. E8, 21 jul. 2013.

> [...] um momento de invenção que libera as potencialidades da memória, da percepção, da fantasia [...] e como o jogo, a invenção de novos conjuntos requer uma atenção rigorosa às leis particulares da sintaxe que correspondem ao novo imaginário a ser realizado.[3]

É a descoberta, a criação, a técnica, enfim, é o trabalho humano que produz novas formas e linguagens, que rompem os paradigmas estabelecidos em um processo contínuo de reinvenção. Na esfera do conhecimento, a arte surge como mímesis, isto é, como representação da realidade, ou, mais precisamente, de um aspecto dela, seja psíquico, natural, histórico. Esta representação origina-se a partir da percepção ou da memória de um momento ou evento significativo para o seu autor, ou seja, a apreensão do mundo (mímesis) permite ao criador a construção (através da experiência sensível) de seu próprio mundo, que se concretiza na obra. Já a expressão se caracteriza pela relação entre uma necessidade de manifestação que se exprime e uma forma que a exprima, levando a infinitas possibilidades de expressão, surgindo da urgência única de cada autor em comunicar sua visão particular do mundo.

A busca incessante por melhor qualidade estética em nossos espaços livres, tanto públicos como privados, leva-nos a procurar formas condizentes com as expectativas dos habitantes das cidades brasileiras. É propor novas leituras, que conectem o observador à complexidade da sua condição humana e do seu entorno simultaneamente, trazendo à tona sentimentos e sensações, despertando novos questionamentos e maneiras de ver e relacionar-se com as pessoas e os objetos. É abandonar a discussão acerca dos estilos e tendências e relevar o desenho que realmente propicie manifestações significativas e instigantes.

Na presente edição apresentamos na seção **Paisagem Urbana** o texto de Glauco de Paula Cocozza e Lucas Martins de Oliveira – pesquisadores da rede Quapá-SEL na Universidade Federal de Uberlândia (UFU) –, que caracteriza os espaços livres urbanos deste município do Triângulo Mineiro e seu papel na estruturação da sua forma urbana. Uma análise histórica da inserção destes espaços no tecido urbano, juntamente com a avaliação de suas condicionantes e da atuação dos agentes que os produzem, fornece um ponto de partida para a determinação de seus conflitos e potencialidades, visando à contribuição para a definição de ações futuras de planejamento.

Mônica Bahia Schlee, doutora pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), no artigo *Padrões e processos de ocupação das encostas em cinco cidades brasileiras: estudo comparativo da morfologia da paisagem*, analisa a morfologia da paisagem de encostas das cidades do Rio de Janeiro, de Vitória, Belo Horizonte, São Paulo e Florianópolis, expondo o método de trabalho desenvolvido e propondo novas formas de abordagem, que levem à construção de bases consistentes para um urbanismo efetivamente regenerador.

---

[3] BOSI, Alfredo. **Reflexões sobre a arte**. São Paulo: Ática, 2004, p.16.

Na seção **Fundamentos** contamos com três artigos que se propõem a rever conceitos e discutir novas formas de análise. O primeiro, de Vladimir Bartalini, professor doutor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAUUSP), trata de enfatizar a dimensão existencial e estética da paisagem, frequentemente postergada em função de aspectos vistos como mais prementes, como o social, o econômico ou, mais recentemente, os de caráter ambiental. Temos ainda o texto de Vanessa Gayego Bello Figueiredo, que nos traz uma avaliação crítica da evolução do conceito de paisagem no Ocidente para discutir as posturas dos órgãos internacionais de preservação do patrimônio, apontando retrocessos e avanços. Fechando esta temática, o artigo *O lugar como imaterialidade da paisagem cultural*, da professora doutora Soraya Nór, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), discute a noção de paisagem cultural a partir da percepção dos aspectos socioespaciais do lugar, também contribuindo para a orientação dos interessados na preservação histórica e cultural.

Na seção **História**, *A construção das paisagens turísticas no velho Caminho dos Diamantes*, de Altamiro Sérgio Mol Bessa, docente da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), elege os distritos de Milho Verde e São Gonçalo, dois núcleos históricos produtores de diamantes no norte mineiro, como objetos de estudo. A pesquisa compara a evolução distinta das duas localidades a partir da decadência do ciclo da mineração, tomando a transformação da paisagem como elemento de análise.

Ainda nessa seção, temos o artigo de Simone Marques de Sousa Safe, Luciane Raposo Faquineli e Staël de Alvarenga Pereira Costa, que, aplicando os conceitos das Escolas Italiana e Inglesa de Morfologia Urbana, compara a análise do tecido urbano do Distrito de Morro Vermelho, município de Caeté, com a evolução urbana da Região Metropolitana de Belo Horizonte, na qual está inserido.

Encerrando esta edição, a seção **Meio Ambiente** traz os resultados da dissertação de mestrado de Michele de Sá Vieira, sob orientação do professor doutor Silvio Soares Macedo, apresentada à FAUUSP em 2011, que procurou criar um método de avaliação da situação urbana e paisagística para Suzano, uma das 39 cidades da Região Metropolitana da capital paulista, baseado na divisão da cidade em Unidades de Paisagem. Explorando um amplo espectro de características do território, foram estabelecidas dez Unidades e apontados conflitos e cenários possíveis para o desenvolvimento da área.

Arq. Fany Galender